

Diferenças e semelhanças de escrita da língua brasileira de sinais em *Signwriting*

Differences and similarities of the brazilian sign language in Signwriting

Diferencias y semejanzas de escritura de la lengua brasileña de señales en Signwriting

Carla Damasceno de Moraes
Instituto Federal de Santa Catarina

Resumo

Neste artigo abordaremos a importância de um consenso de grafia da libras em *signwriting*. Identificaremos, a partir de publicações em *signwriting*, formas diferenciadas de um mesmo sinal da libras. Compreende-se que, para a consolidação do *signwriting* para a formação de professores e para o ensino nas escolas de ensino básico, é fundamental um consenso quanto à escrita. Com o propósito de demonstrar esse fato, pesquisamos os sinais surdo, tradução e interpretação em *signwriting*, em quatro produções científicas. Analisaremos e apresentaremos os componentes quirêmicos da referida escrita, como também as diferenças ou semelhanças. Nas considerações, não indicaremos preferências e não realizaremos análises críticas quanto à escrita. Conclui-se pela sensibilização e iniciativa para um diálogo acerca da possibilidade de um consenso para a escrita em *signwriting*.

Palavras-chave: *Signwriting*, surdo, tradução.

Abstract

This article will look at the importance of spelling consensus of brazilian sign language (libras) in signwriting. From publications in signwriting, it is possible to identify that the same pounds signal is written differently. In this sense, it is understood that, for the consolidation of signwriting for teacher training and for teaching in primary schools, it is fundamental to have a consensus regarding the writing of signals. In order to demonstrate this fact, have been researched the signs deaf, translation and interpretation in four scientific productions. Subsequently, the symbols involved in said writing are identified, analyzed and presented, as well as the differences or similarities. In the considerations, there is no indication of preference and not even is made critical analysis. It is conclude that are necessary sensitization for the beginning of a dialogue on the possibility of a consensus for writing in signwriting.

Keywords: Signwriting, deaf, translation.



Resumen

En este artículo trataremos la importancia de un consenso de grafía de las libras en *signwriting*. Identificaremos, a partir de publicaciones en *signwriting*, formas diferenciadas de un mismo signo de libras. Se entiende que, para la consolidación del *signwriting* para la formación de profesores y para la enseñanza en las escuelas de enseñanza básica, es fundamental un consenso en cuanto a la escritura. Con el propósito de demostrar este hecho, investigamos los signos sordo, traducción e interpretación en *signwriting*, en cuatro producciones científicas. Analizaremos y presentaremos los componentes quirémicos de dicha escritura, así como las diferencias o semejanzas. En las consideraciones, no indicaremos preferencias y no realizaremos análisis críticos en cuanto a la escritura. Se concluye por la sensibilización e iniciativa para un diálogo sobre la posibilidad de un consenso para la escritura en *signwriting*.

Palabras clave: *Signwriting*, sordo, traducción.

Introdução

O *Signwriting* (SW) foi desenvolvido por Valerie Sutton, em 1974, a partir de um sistema de notação de coreografia da dança – *DanceWriting* – também criado por ela. Apesar de ser uma invenção americana, o referido sistema começou na Dinamarca e não está baseado em uma determinada Língua de Sinais, podendo, nesse caso, escrever qualquer Língua de Sinais. O *Signwriting* é uma forma de notação que registra todo e qualquer movimento de seres humanos, de animais e insetos. Ele pertence à comunidade surda mundial e pode ser usado por qualquer sinalizante (ver CAPOVILLA; RAPHAEL, 2001). Segundo Sutton (2001, p. 21), “como a argila usada para criar uma estátua que perdurará por gerações futuras, *Signwriting* pertence aos surdos para moldar sua própria Língua de Sinais, sua Cultura, sua História”.

A partir de produções científicas publicadas por pesquisadores de *Signwriting*, torna-se viável identificar que um mesmo sinal de Língua Brasileira de Sinais – Libras¹ pode ser escrito de forma diferenciada. Nesse sentido, compreende-se que para a consolidação da escrita de sinais em *Signwriting*, tanto para a formação de professores quanto para o ensino nas escolas de ensino básico para crianças surdas, a padronização da escrita dos sinais de Libras em *Signwriting* é fundamental.

J. Février (apud HIGOUNET, 2003, p.11) considera que para a existência da escrita é necessário “um conjunto de sinais que possua um sentido estabelecido de antemão por uma comunidade social e que seja utilizado”. Além disso, o autor citado considera que “é preciso que esses sinais permitam gravar e reproduzir uma frase falada”. Calvet (2007) considera que não se forja uma palavra de forma aleatória.

Essas considerações podem ser sugeridas à escrita da língua de sinais, haja vista que o conjunto de sinais estabelecido – SW – permite reproduzir a palavra sinalizada. Wilcox

1 A Libras é reconhecida pela Lei 10.436, de 24/04/2002, como meio legal de comunicação e expressão de comunidades de pessoas surdas do Brasil, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora tem estrutura gramatical própria. A referida lei foi regulamentada pelo Decreto 5.626 de 22/12/2005.



e Wilcox (2005, p. 40) consideram que os sinais são semelhantes às palavras faladas, escritas ou sinalizadas e são blocos de construção que formam a base das línguas. No entanto, conforme verificaremos, há a variação de grafia da língua de sinais nesse sistema. Conforme Calvet (2007, p. 67), esta constatação suscitou uma pergunta interessante: “como transcrever uma palavra pronunciada de diferentes formas pelo território de maneira que todos a reconheçam?”

J. Février (apud Higounet, 2003) e Calvet (2007) permitem refletir sobre a possibilidade de o *Signwriting* vir a ser considerado um sistema de escrita da Libras, de forma que os leitores da referida escrita possam reconhecer o sinal.

Sobre a questão da variação da escrita em *Signwriting*, Stumpf (2005) avalia que o *Signwriting* contribui para o desenvolvimento da percepção do sujeito surdo quanto à língua de sinais de seu país. Durante o ensino da escrita da língua de sinais no Brasil e na França, a pesquisadora identificou que as crianças se apropriam naturalmente da grafia da escrita de sinais nas primeiras aulas. As crianças, segundo a autora, fazem os sinais antes de escrevê-los e apresentam variações em sua escrita.

A variação da escrita em surdos adultos foi objeto de pesquisa de Nobre (2011), que analisou a produção de 20 sinais/sentenças por quatro sujeitos surdos fluentes em Libras e usuários da escrita de sinais com ênfase na produção gráfica dos sinais e na ordem dos componentes quirêmicos que compõem a escrita do sinal. Após a identificação das divergências e similaridades da escrita dos participantes de sua pesquisa, Nobre (2011) considera que a padronização da escrita contribuirá para o fortalecimento da língua escrita, propõe a consolidação do *Signwriting* na comunidade surda, sugere uma escrita simplificada e apresenta propostas de ortografia.

Acerca da padronização da escrita de sinais, Capovilla, Raphael, Maurício (2009) compreendem que, quando há acordos ortográficos de uma língua, a leitura e a escrita são mais fáceis de serem realizadas e as ambiguidades diminuem. Entretanto, continuam os autores, quando uma língua possui uma escrita recente e com acordos não constituídos e firmados, as variações são mais frequentes e desencadeiam debates sobre a forma mais apropriada de escrever. O Novo Deit-Libras (Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue) não almeja estabelecer nenhuma convenção para a escrita da Libras. A referida obra, ainda segundo os autores, descreve, explica e ilustra as diretrizes gerais do sistema de escrita *Signwriting* dos sinais de Libras.

Visando à sensibilização da comunidade surda sobre a importância da padronização dos sinais de Libras em *Signwriting*, adotamos como metodologia demonstrar a variação da escrita por esse sistema dos seguintes sinais: SURDO, TRADUÇÃO e INTERPRETAÇÃO. Tal demonstração basear-se-á em Barreto e Barreto (2012), Nobre (2011), Quadros e Stumpf (2010), e Capovilla, Raphael, Maurício (2009). Os referidos sinais, dos quatro autores, serão dispostos um ao lado do outro e em tabelas. Cada sinal terá a apresentação dos componentes quirêmicos utilizados na sua escrita e serão demonstradas as diferenças e as semelhanças. Denominamos de componente quirêmico cada elemento que compõe um sinal da Libras em *Signwriting*. Consideramos oportunas as comparações realizadas pelos



autores do Novo Deit-Libras (2009) acerca dos fonemas e dos quiremas, dos benefícios da escrita alfabética para o ouvinte e dos benefícios da escrita em *SignWriting* para o surdo:

[...]. Assim como a *escrita alfabética* transcreve os *fonemas* que compõem a fala (i.e., as unidades básicas das línguas faladas), a *escrita visual direta em Signwriting* transcreve os *quiremas* que compõem a sinalização (i.e., as unidades básicas das línguas de sinais). Assim como a escrita alfabética *beneficia o ouvinte* porque ela transcreve os sons da fala que ele usa para pensar e comunicar-se oralmente, a escrita visual direta de sinais *beneficia o surdo* porque ela transcreve as articulações e movimentos das mãos na sinalização que ele usa para pensar e comunicar-se em sinais. A escrita visual direta de sinais *beneficia o surdo* porque é muito mais fácil escrever na língua com que se pensa. [...]. Os maiores benefícios da escrita visual direta de sinais, tanto para a herança cultural da língua de sinais quanto para o desenvolvimento cognitivo e linguístico do surdo, advêm quando as crianças surdas aprendem a ler e escrever em sinais na mesma época em que as crianças ouvintes aprendem a ler e escrever alfabeticamente. [...]. (CAPOVILLA; RAPHAEL; MAURÍCIO, 2009, p. 46, grifos nossos).

No parágrafo citado, os autores proporcionam embasamento teórico não somente à compreensão dos quiremas, somado às valiosas argumentações acerca dos benefícios da escrita em SW para o sujeito surdo.

Quanto às considerações, não indicaremos preferência por um ou outro autor, tampouco realizaremos uma análise crítica quanto à escrita.

1. Metodologia


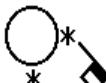


Os sinais SURDO, TRADUÇÃO e INTERPRETAÇÃO foram pesquisados nas quatro produções científicas e dispostos em tabelas nas ordens a seguir: Barreto e Barretto (2012) Nobre (2011) Quadros e Stumpf (2010) e Capovilla, Raphael, Maurício (2009). Após a apresentação da tabela de cada sinal, são descritos os componentes quirêmicos utilizados por cada autor para escrevê-lo. Terminada a descrição de cada autor, serão demonstradas as diferenças e as semelhanças.

Para os sinais TRADUÇÃO e INTERPRETAÇÃO, por iniciativa da autora, a configuração de mão final dos referidos sinais que não estão visíveis em Barreto e Barretto (2012), Nobre (2011) e Quadros e Stumpf (2010) será demonstrada somente no sentido de facilitar a leitura da escrita.

1.1 Sinal SURDO

Na tabela 1, abaixo, serão apresentadas as grafias em *Signwriting* do sinal SURDO. Na coluna 1, Barreto e Barretto (2012, p. 56), na coluna 2, Nobre (2011, p. 44), na coluna 3, Quadros e Stumpf (2010, p. 167) e, na coluna 4, Capovilla, Raphael, Maurício (2009, p. 2070):



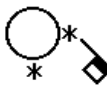
Tabela 1 – Sinal SURDO na ordem dos autores citados acima.

Coluna 1	Coluna 2	Coluna 3	Coluna 4
			

BARRETO; BARRETTO (2012); NOBRE (2011); QUADROS; STUMPF (2010); CAPOVILLA, RAPHAEL, MAURÍCIO (2009).

Descrição das colunas 1 e 2 – Tabela 1 – Barreto e Barretto (2012) e Nobre (2011) apresentam a mesma escrita em *Signwriting* do sinal SURDO. A utilização da face indica o local de realização do sinal. Há deslocamento da configuração de mão (CM) do local de início da realização da sinalização, delimitado com um símbolo de contato (tocar), próximo à orelha, e um símbolo de contato próximo ao queixo; fim da sinalização. A Tabela 2, abaixo, expõe na coluna 1 a CM e na coluna 2, o contato; na coluna 3, a locação e na coluna 4, o sinal.





Tabela 2 – Componentes quirêmicos para escrever o sinal SURDO.

Coluna 1	Coluna 2	Coluna 3	Coluna 4
	*		

Fonte: BARRETO; BARRETTO (2012); NOBRE (2011).

Descrição coluna 3 - Tabela 1: Quadros e Stumpf (2010) escrevem o referido sinal com a CM que toca o local próximo à orelha e se movimenta em direção ao queixo, tocando-o. Os locais da face que a CM toca, estão delimitados. Os componentes quirêmicos envolvidos no sinal estão dispostos na Tabela 3, abaixo. Na coluna 1, apresenta-se a CM; na coluna 2, a face com delimitação do local 1 – inicial; na coluna 3, a face com delimitação do local 2; e na coluna 4, apresenta-se o sinal.

Tabela 3 – Componentes quirêmicos utilizados para escrever o sinal SURDO.

Coluna 1	Coluna 2	Coluna 3	Coluna 4
			






Fonte: QUADROS; STUMPF (2010).

Descrição da coluna 4 – Tabela 1 – Capovilla, Raphael, Maurício (2009) utilizam a CM inclinada com símbolo de contato na orelha e nos lábios; próximo a essa CM há uma

seta que nos leva ao entendimento de que a CM se desloca para a boca e sua posição transforma-se de inclinada para vertical e o dorso da mão toca os lábios.

Na Tabela 4, abaixo, demonstra-se cada símbolo utilizado na grafia. Na coluna 1, a CM que toca a orelha; na coluna 2, a CM vertical, cujo dorso toca os lábios; na coluna 3, o símbolo de contato que está disposto próximo à orelha e nos lábios; na coluna 4, a seta de movimento; na coluna 5, os locais de realização do sinal e na coluna 6, apresenta-se o sinal.







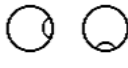


Tabela 4 – Componentes quirêmicos utilizados para escrever o sinal SURDO.

Coluna 1	Coluna 2	Coluna 3	Coluna 4	Coluna 5	Coluna 6
		*			

Fonte: CAPOVILLA, RAPHAEL, MAURÍCIO (2009).

Tendo em vista que a escrita de cada autor foi exposta nas tabelas 2, 3 e 4, na Tabela 5 esses componentes quirêmicos serão dispostos um ao lado do outro, com o objetivo de dar visibilidade às diferenças e semelhanças da grafia do sinal SURDO. Na coluna 1, os componentes quirêmicos (CM, local, contato e seta); na coluna 2, os componentes quirêmicos utilizados por Barreto e Barretto (2009); na coluna 3, os componentes quirêmicos utilizados por Nobre (2011); na coluna 4, os componentes quirêmicos utilizados por Quadros e Stumpf (2010) e na coluna 5, os componentes quirêmicos utilizados por Capovilla, Raphael, Maurício (2009).

Tabela 5 – Componentes quirêmicos utilizados por cada autor para escrever o sinal SURDO.

Coluna 1	Coluna 2	Coluna 3	Coluna 4	Coluna 5
CM				
LOCAL				
CONTATO	*	*	Não visível	*
SETA	Não visível	Não visível	Não visível	

Fonte: Dados da autora.

1.1.1. Diferenças e semelhanças do sinal SURDO

Verifica-se que, entre os autores, não há diferença da CM. Quanto ao local, podemos dizer que não há diferença, ou seja, os autores utilizaram a face como local de realização do sinal; Barreto e Barretto (2012) e Nobre (2011) enfatizaram o local com o símbolo de contato disposto próximo à orelha e, provavelmente, próximo ao queixo ou abaixo deste; Quadros e Stumpf (2010) ressaltam-no próximo à orelha e no queixo; Capovilla, Raphael, Maurício (2009) destacaram a orelha e puseram o símbolo de contato nos lábios. A propósito do contato, este símbolo é visível em Barreto e Barretto (2012), em Nobre (2011) e em Capovilla, Raphael, Maurício (2009), e não visível em Quadros e Stumpf (2010). Quanto à seta, é visível apenas em Capovilla, Raphael, Maurício (2009).

1.2 Sinal TRADUÇÃO

Na tabela 7, a seguir, será apresentado o sinal TRADUÇÃO e a sua escrita em *Signwriting*: na coluna 1, Barreto e Barretto (2012, p.5); na coluna 2, Nobre (2011, p. 119); na coluna 3, Quadros e Stumpf (2010, p.167); e na coluna 4, Capovilla, Raphael, Maurício (2009, p. 742).

Tabela 7 – Sinal TRADUÇÃO, na ordem dos autores citados acima.

Coluna 1	Coluna 2	Coluna 3	Coluna 4

Fonte: BARRETO; BARRETTO (2012); NOBRE (2011); QUADROS; STUMPF (2010);
CAPOVILLA, RAPHAEL, MAURÍCIO (2009).

Descrição da coluna 1 - Tabela 7 - Barreto e Barretto (2012) escrevem a CM ativa que se movimentará sobre a mão passiva que está com a palma para baixo, horizontal e paralela ao chão. A mão passiva, que não se movimentará e dará apoio à mão ativa, está com a palma para cima, horizontal e paralela ao chão. O símbolo de contato em duplicidade está situado logo abaixo da mão passiva e ao lado da mão ativa. A seta dupla, localizada abaixo da CM ativa, reforça a disposição do antebraço paralelo ao chão e também permite o entendimento de que a mão ativa iniciará e finalizará a sinalização com a palma para baixo. Barreto e Barretto (2012, p.147) sugerem que as setas devem ser escritas abaixo da CM, para que se compreenda que o movimento é realizado pelo antebraço. Apesar de não ser visível na escrita do sinal, destaca-se o espaço neutro de sinalização, em frente ao corpo.

Na Tabela 8, apresenta-se cada símbolo utilizado na escrita do referido sinal por Barreto e Barretto (2012). Na coluna 1, a CM ativa; na coluna 2, a CM passiva; na coluna 3, o símbolo de contato; na coluna 4, a seta dupla; na coluna 5, a palma para cima, após a rotação do antebraço, não visível, e na coluna 6, o sinal.

Tabela 8 – componentes quirêmicos utilizados para escrever o sinal TRADUÇÃO.

Coluna 1	Coluna 2	Coluna 3	Coluna 4	Coluna 5	Coluna 6
		**			

Fonte: BARRETO; BARRETTO (2012)

Descrição da coluna 2 - Tabela 7 - Nobre (2011, p. 119) no sinal TRADUÇÃO, indica que a mão ativa que se movimentará sobre a mão passiva, está com a palma para baixo, horizontal e paralela ao chão. A mão passiva, que dará apoio à mão ativa, está com a palma para cima, horizontal e paralela ao chão. Pelo símbolo de contato apresentado em duplicidade e localizado no lado esquerdo e direito da mão ativa, permite-se ler que, durante a sinalização, a mão ativa toca a mão passiva, move-se em cima da mão passiva e finaliza o sinal com a palma da mão para cima. Conforme explicado, o movimento da mão ativa é conduzido pela rotação do antebraço representado pela seta localizada abaixo da mão ativa. Apesar de não visível na escrita do sinal, a mão ativa, que no início da sinalização está com a palma para baixo, terminará o movimento com a palma para cima e a sinalização ocorre no espaço neutro, em frente ao corpo.

Na Tabela 9, apresenta-se, na coluna 1, a CM ativa; na coluna 2, a CM passiva; na coluna 3, o símbolo de contato em duplicidade; na coluna 4, a seta simples; na coluna 5, a CM que finaliza o sinal, não visível, e na coluna 6, o sinal.

Tabela 9 – Componentes quirêmicos utilizados para escrever o sinal TRADUÇÃO.

Coluna 1	Coluna 2	Coluna 3	Coluna 4	Coluna 5	Coluna 6
		**			

Fonte: NOBRE (2011).

Descrição da coluna 3 - Tabela 7 – Quadros e Stumpf (2010) escrevem o sinal TRADUÇÃO: a CM ativa com a palma para baixo e horizontal e CM passiva com a palma para cima e horizontal. Não há símbolo de contato visível; entretanto, pela visualidade da grafia, o leitor não leigo provavelmente entenderá que a mão ativa toca a mão passiva e se movimenta sobre a mão passiva. A seta localizada ao lado da mão ativa é indicativa de que o movimento da mão ativa será realizado pela rotação do antebraço. Está subentendido que após o movimento de rotação do antebraço a mão ativa ficará com a palma da mão para cima. O espaço neutro, em frente ao corpo, é local de sinalização. Os componentes quirêmicos envolvidos na escrita do referido sinal estão dispostos na Tabela 11, abaixo. Na coluna 1, a

CM ativa; na coluna 2, a CM passiva; na coluna 3, a seta simples com linha vertical no seu centro; na coluna 4, a CM que finaliza o sinal. não visível na grafia, e na coluna 5, o sinal.

Tabela 11 – Componentes quirêmicos utilizados para escrever o sinal TRADUÇÃO.

Coluna 1	Coluna 2	Coluna 3	Coluna 4	Coluna 5

Fonte: Quadros e Stumpf (2010).

Descrição da coluna 4 - Tabela 7 - Capovilla, Raphael e Maurício (2009, p. 742) descrevem a forma como escrevem o sinal TRADUÇÃO: “mão esquerda aberta, palma para cima; mão direita em V, palma para baixo, tocando a palma esquerda. Virar a palma direita para cima e para baixo duas vezes”.

Em um primeiro momento, a CM ativa, palma para baixo, está horizontal e paralela ao chão; a CM passiva, palma para cima, encontra-se horizontal e paralela ao chão. O símbolo de contato está localizado ao lado da mão passiva, indicando o toque da mão ativa. Em um segundo momento, sem a alteração da mão passiva, a mão ativa está horizontal, paralela ao chão e com a palma para cima. Apesar de a sinalização do sinal em questão não estar visível, perceber-se-á que há a rotação do antebraço; além disso, a sinalização se dá em espaço neutro, em frente ao corpo.

Na Tabela 12, apresenta-se cada símbolo envolvido na escrita do referido sinal. Na coluna 1, a CM ativa; na coluna 2, a CM passiva; na coluna 3, o símbolo de contato; na coluna 4, a CM ativa, após o movimento, e na coluna 5, o sinal.

Tabela 12 – Componentes quirêmicos utilizados para escrever o sinal TRADUÇÃO.

Coluna 1	Coluna 2	Coluna 3	Coluna 4	Coluna 5

Fonte: CAPOVILLA, RAPHAEL, MAURÍCIO (2009).

Tendo em vista que os componentes quirêmicos envolvidos na escrita de cada autor do sinal TRADUÇÃO foram demonstrados nas tabelas 10, 11 e 12, na Tabela 13, abaixo, serão apresentados separadamente os componentes quirêmicos utilizados por cada autor. Este procedimento permitirá identificar as diferenças e as semelhanças da grafia do sinal. Na coluna 1, estão dispostos os componentes quirêmicos (CM, Contato e Seta); na coluna 2, os componentes quirêmicos utilizados por Barreto e Barreto (2009); na coluna 3, os componentes quirêmicos utilizados por Nobre (2011); na coluna 4, os componentes

quirêmicos utilizados por Quadros e Stumpf (2010) e na coluna 5, os componentes quirêmicos utilizados por Capovilla, Raphael, Maurício (2009).

Tabela 13 – Componentes quirêmicos utilizados por cada autor para escrever o sinal TRADUÇÃO.

Coluna 1	Coluna 2	Coluna 3	Coluna 4	Coluna 5
CM ativa				
CM passiva				
Contato	**	**	Não visível	**
Seta				Não visível
CM (após movimento).	Não visível	Não visível	Não visível	Visível

Fonte: Dados da autora.

1.2.1 Diferenças e semelhanças do sinal TRADUÇÃO





Podemos dizer que não há diferença quanto às CM ativa e passiva. As CM não visíveis e o espaço neutro foram incluídos na Tabela 13 somente no sentido de tornar mais clara a explicação dos componentes quirêmicos e o fato de que é possível que uma CM termine o sinal com a palma da mão para cima ou para baixo, fato este não visível na escrita. O símbolo de contato está presente em Barreto e Barretto (2009), em Nobre (2011) e em Capovilla, Raphael, Maurício (2009), mas não está visível em Quadros e Stumpf (2010); entretanto, na sinalização do referido sinal, a mão ativa toca a mão passiva; provavelmente, ao colocar na escrita uma mão sobre a outra, podemos subentender que estão em contato. Quanto à seta, Barreto e Barretto (2009) dispuseram uma seta dupla localizada abaixo da mão ativa; esse fato provavelmente se apresenta pela sinalização de TRADUÇÃO da comunidade surda local, ou seja, a mão ativa com palma para baixo, com a rotação do antebraço fica com a palma para cima e finaliza com a palma para baixo.

Pode-se considerar que Nobre (2011) e Quadros e Stumpf (2010) não se diferenciam quanto à seta simples; a diferença se expõe quanto à localização da seta: em Nobre (2011), abaixo da mão ativa, e em Quadros e Stumpf (2010), ao lado da mão ativa. Ainda em relação à localização da seta, Barreto e Barretto (2012) e Nobre (2011) apresentam semelhança e posicionam-na abaixo da CM em que haverá a rotação do antebraço. Em Capovilla, Raphael, Maurício (2009), consideramos a seta como não visível. Provavelmente, na disposição dos componentes quirêmicos da escrita do referido sinal está implícita a rotação do antebraço.

1.3 Sinal INTERPRETAÇÃO

Na Tabela 14, a seguir, serão ilustradas as variações de grafia em *Signwriting* do sinal INTERPRETAÇÃO. Na coluna 1, Barreto e Barretto (2012, p. 148); na coluna 2, Nobre (2011, p. 119); na coluna 3, Quadros e Stumpf (2011, p.167) e na coluna 4, Capovilla, Raphael e Maurício (2009, p. 1292).

Tabela 14 – Sinal INTERPRETAÇÃO na ordem dos autores citados acima.






Coluna 1	Coluna 2	Coluna 3	Coluna 4
			

Fonte: BARRETO; BARRETTO (2012); NOBRE (2011); QUADROS; STUMPF (2010);
CAPOVILLA, RAPHAEL, MAURÍCIO (2009).

Descrição coluna 1 – Tabela 14: Em Barreto e Barretto (2012), o sinal INTERPRETAÇÃO apresenta grafia da CM ativa com a palma para baixo; ela toca a mão passiva que está com a palma para cima. A disposição das duas CM permite a leitura de que ambas estão horizontais e paralelas ao chão. O contato em duplicidade, localizado acima da mão passiva, bem como a seta dupla, permite a leitura de que a mão ativa movimentar-se sobre a mão passiva e volta à posição inicial. Abaixo da mão ativa, há setas duplas, localizadas abaixo da mão ativa, são indicativas do movimento para a direita e para a esquerda, o que será realizado pela rotação do antebraço e, conseqüentemente, a mudança da palma da mão, para a direita e para a esquerda.

Na Tabela 15, abaixo, está apresentado, em colunas, cada símbolo utilizado pelos autores na grafia do sinal em questão. Na coluna 1, a CM ativa com a palma para baixo; na coluna 2, a CM passiva com a palma para cima; na coluna 3, o símbolo de contato duplo; na coluna 4, a seta dupla; na coluna 5, a CM ativa palma para cima, após o movimento da mão ativa e não visível na grafia; e na coluna 6, o sinal.

Tabela 15 – Componentes quirêmicos utilizados para escrever o sinal INTERPRETAÇÃO.






Coluna 1	Coluna 2	Coluna 3	Coluna 4	Coluna 5	Coluna 6
		**			

Fonte: BARRETO; BARRETTO (2012).

Descrição coluna 2 – Tabela 14: Em Nobre (2011), as mãos ativa e passiva estão horizontais e paralelas ao chão. Pelo símbolo de contato apresentado em duplicidade, localizados nos lados esquerdo e direito da mão ativa, e a seta simples, localizada abaixo da mão ativa, compreende-se que durante a sinalização, a mão ativa com a palma para baixo se movimenta, sob o comando da rotação do antebraço, tocando a mão passiva e termina a sinalização com a palma para cima.

Na Tabela 16, serão apresentados os componentes quirêmicos utilizados pelo referido autor. Na coluna 1, a CM ativa; na coluna 2, a CM passiva; na coluna 3, o contato em duplicidade; na coluna 4, a seta simples; na coluna 5, a CM que finaliza o sinal e que não está visível na grafia, e na coluna 6, o sinal.

Tabela 16 – Componentes quirêmicos utilizados para escrever o sinal INTERPRETAÇÃO.






Coluna 1	Coluna 2	Coluna 3	Coluna 4	Coluna 5	Coluna 6
		**			

Fonte: NOBRE (2011).

Descrição coluna 3 – Tabela 14: Em relação ao sinal INTERPRETAÇÃO, verifica-se que Quadros e Stumpf (2011) escrevem-no com a mão ativa, palma da mão para baixo e mão passiva com a palma da mão para cima; ambas estão horizontais e paralelas ao chão. Na visibilidade do sinal, a mão ativa está em cima da mão passiva, provavelmente tocando-a; a seta simples, indicativa de que ocorre a rotação do antebraço, está ao lado da mão ativa e indica que esta finalizará a sinalização com a palma para cima.

Na Tabela 17, a coluna 1 apresenta a CM ativa; na coluna 2 a CM passiva; na coluna 3, a seta simples; na coluna 4, a CM ativa após a rotação do antebraço e que finaliza o sinal, porém não visível na grafia, e na coluna 5, o sinal.

Tabela 17 – Componentes quirêmicos utilizados para escrever o sinal INTERPRETAÇÃO.

Coluna 1	Coluna 2	Coluna 3	Coluna 4	Coluna 5
				

Fonte: QUADROS; STUMPF (2011).

Descrição coluna 4 – Tabela 14: Capovilla, Raphael, Maurício (2009, p.1292) descrevem o sinal INTERPRETAÇÃO: “mão esquerda aberta, palma da mão para cima; mão direita aberta, palma para baixo, dedos inclinados para a esquerda, tocando a palma esquerda. Girar a

palma direita para cima e para baixo, rapidamente, duas vezes”. O referido sinal possui CM ativa localizada sobre a mão passiva e visível pelo símbolo de contato. Apesar de não visível, para que a mão ativa com a palma para baixo faça um movimento sobre mão passiva e finalize o sinal com a palma para cima, há a rotação do antebraço da mão ativa. Conforme a Tabela 18, verificam-se os componentes quirêmicos envolvidos no referido sinal: a coluna 1 apresenta a CM ativa; a coluna 2, a CM passiva com a palma para baixo; a coluna 3, o contato; a coluna 4, a CM ativa com a palma para cima e a coluna 5, o sinal.

Tabela 18 – Componentes quirêmicos utilizados para escrever o sinal INTERPRETAÇÃO.

Coluna 1	Coluna 2	Coluna 3	Coluna 4	Coluna 5
		*		

Fonte: CAPOVILLA, RAPHAEL, MAURÍCIO (2009).

Uma vez que os componentes quirêmicos envolvidos na escrita de cada autor, do sinal INTERPRETAÇÃO, foram demonstrados nas tabelas 15, 16, 17 e 18 acima, na Tabela 19 serão apresentados os componentes quirêmicos dos autores, o que permitirá perceber as diferenças e semelhanças da grafia do sinal INTERPRETAÇÃO. Na coluna 1, os componentes quirêmicos (CM, Contato e Seta); na coluna 2, os componentes quirêmicos utilizados por Barreto e Barretto (2009); na coluna 3, os componentes quirêmicos utilizados por Nobre (2011); na coluna 4, os componentes quirêmicos utilizados por Quadros e Stumpf (2010) e na coluna 5, os componentes quirêmicos utilizados por Capovilla, Raphael, Maurício (2009).

Tabela 19 – Componentes quirêmicos utilizados por cada autor para escrever o sinal INTERPRETAÇÃO.

Coluna 1	Coluna 2	Coluna 3	Coluna 4	Coluna 5
CM ativa				
CM passiva				
CM ativa				
CONTATO	**	**	Não visível	*
SETA				Não visível

Fonte: BARRETO; BARRETTO (2012); NOBRE (2011); QUADROS; STUMPF (2010); CAPOVILLA, RAPHAEL, MAURÍCIO (2009).

1.3.1 Diferenças e semelhanças do sinal INTERPRETAÇÃO

Verifica-se que, entre os autores, há pouca diferença da CM, haja vista que todos eles utilizaram a CM em **B**. No entanto, em Nobre (2011) e em Quadros e Stumpf (2010), o dedo polegar das mãos ativa e passiva estão estendidos. Barreto e Barretto (2012), Nobre (2011) e Capovilla, Raphael, Maurício (2009) utilizaram o símbolo de contato. No entanto, a localização dos referidos componentes quirêmicos difere entre os três autores. Pela ordem, o primeiro colocou o símbolo acima da mão passiva; o segundo o colocou do lado direito e esquerdo da mão ativa e o terceiro o colocou ao lado da mão ativa e logo abaixo da mão passiva. Quanto ao símbolo de contato, este não é visível na grafia de Quadros e Stumpf (2010). As setas em Barreto e Barretto (2012) são duplas e localizadas abaixo da mão ativa. Em Nobre (2011) e Quadros e Stumpf (2010), as setas são simples, porém há diferença quanto à sua localização, pois o primeiro a colocou abaixo da mão ativa e as autoras a colocaram ao lado da mão ativa. Ainda em relação às setas, há semelhanças de localização destas em Barreto e Barretto (2012) e em Nobre (2011). Apesar das diferenças, setas duplas e setas simples, respectivamente, os autores a colocaram abaixo da mão ativa. Em Capovilla, Raphael e Maurício (2009), as setas não são visíveis. Provavelmente, na disposição dos componentes quirêmicos da escrita do referido sinal está implícita a rotação do antebraço.

Conclusão

Entende-se que o objetivo de identificar as diferenças e as semelhanças a partir dos sinais SURDO, TRADUÇÃO e INTERPRETAÇÃO foi alcançado neste artigo. A análise foi realizada com a precaução de não indicar a preferência da autora por uma ou outra grafia, haja vista não se tratar de uma simples variação na grafia, o que pode até ser normal, principalmente quanto ao parâmetro da locação da Libras, e devido aos alofones, mas nas obras analisadas, foram indicadas variações de registro público.

A pesquisa sobre as diferenças e semelhanças de escrita da Língua de Sinais em *Signwriting* poderão ser ampliadas para outros sinais e isso é possível de ser realizado. Os mesmos sinais eleitos para esta pesquisa também poderão obter outras análises descritivas diferentes das que foram aqui realizadas e obter conclusões diferenciadas.

Outra possibilidade de pesquisa, a partir dos sinais apresentados, e, provavelmente, em outros sinais a serem pesquisados, é a análise do movimento de rotação do antebraço em *Signwriting*. Percebe-se que nos sinais TRADUÇÃO e INTERPRETAÇÃO a não utilização do símbolo de contato por Quadros e Stumpf (2010) e o fato de que visivelmente a mão ativa está sobre a mão passiva sugere que, durante a rotação do antebraço, as duas mãos estão em contato. Os outros autores enfatizaram o símbolo de contato (tocar). Entretanto, Capovilla, Raphael, Maurício (2009), pela grafia e disposição dos componentes quirêmicos, enfatizaram o contato e não deram visibilidade à seta de rotação do antebraço. Pesquisas mais aprofundadas



poderão identificar que outros sinais semelhantes aos sinais TRADUÇÃO e INTERPRETAÇÃO são possíveis de serem escritos com ou sem o contato, ou com ou sem a seta de rotação do antebraço e também com ambos. Quanto à seta, considera-se pertinente pesquisar a melhor localização, se abaixo ou ao lado da mão passiva, tendo em vista ter sido alocada por Barreto e Barretto (2012) e Nobre (2011) abaixo da mão passiva, enquanto Quadros e Stumpf (2010) a alocaram ao lado da mão passiva.

A expectativa é de desencadear o início de um diálogo entre pesquisadores de *Signwriting*, haja vista que o próprio sistema permite a variação da grafia, fato este demonstrado em apenas três sinais eleitos para o artigo e, principalmente, pela disposição dos componentes quirêmicos e pelo acréscimo ou simplificação deles.

Referências

BARRETO, M; BARRETTO, Raquel. **Escrita de sinais sem mistérios**. Belo Horizonte: Ed. do autor, 2012.

BRASIL. **Decreto n. 5.626 de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais- Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasil, 2005. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 18 Nov. 2014.

CALVET, Louis-Jean. **As políticas linguísticas**. Tradução Isabel de Oliveira Duarte, Jonas Tenfen, Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, IPOL, 2007.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira**. São Paulo: Edusp, 2001.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D; MAURÍCIO, A. C. L. **Novo Deit-Libras: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira (Libras) baseado em Linguística e Neurociências Cognitivas**, volume I (Sinais de A a H), volume II (Sinais de L a Z). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Inep: CNPq, Capes, 2009.

HIGOUNET, C. **História Concisa da Escrita**. Tradução: Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

NOBRE, R. **Processo de Grafia da Língua de Sinais: uma análise fono-morfológica da escrita em Signwriting**. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Centro de Comunicação e Expressão, Florianópolis, 2011.

QUADROS, R.M.; STUMPF, M. Tradução e Interpretação de Língua Brasileira de Sinais: Formação e Pesquisa. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, Centro de Comunicação e Expressão, Pós-graduação em Estudos da Tradução, n 26, p. 165-206 2010/2. Universidade Federal de Santa Catarina.

STUMPF, Marianne R. **Aprendizagem de Escrita de Língua de Sinais pelo Sistema Signwriting: línguas de sinais no papel e no computador**. Tese (Doutorado em Informática na Educação) – Centro de Estudos Interdisciplinares em Novas Tecnologias da Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.



SUTTON, V. **Lições sobre o SignWriting**: um sistema de escrita para língua de sinais. Tradução e adaptação: STUMPF, Marianne; COSTA, Antonio C. da Rocha. S/d. Disponível em <<http://rocha.c3.furg.br/arquivos/download/licoes-sw.pfd>>. Acesso em: 20 maio 2011.

WILCOX, S; WILCOX, P.P. **Aprender a ver**. Tradução Tarcísio A. Leite. Arara Azul: Petrópolis, 2005.

Recebido em 15 de fevereiro de 2016.

Aceito em 25 de agosto de 2016.

Carla Damasceno de Moraes

Doutora em Linguística (2013-2016 - UFSC), Mestre em Literatura (2010 - UFSC), Aperfeiçoamento em Educação Profissional e Tecnológica Inclusiva (2010 - IFMT/Cuiabá), Especialista em Educação de Surdos (2008 - IFSCSJ). Membro do NEPES Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação de Surdos. Membro do grupo de estudos em *SignWriting*. carlam@ifsc.edu.br